

Manual Pedagógico na Formação dos Professorandos da Escola Normal Secundária Amaral Fontoura*

Teaching Manual for the Teacher Training at the Secondary Normal School Amaral Fontoura

Renata de Almeida Vieira**

Lizete Shizue Bomura Maciel**

* Versão revisada e ampliada da comunicação apresentada durante o 17º Congresso de Leitura do Brasil (COLE), em julho de 2009.

**Doutora em Educação. Professora da Universidade Estadual de Maringá (UEM). E-mail: realvieira@gmail.com; newliz@uol.com.br

Resumo

Este estudo centra-se na análise de um manual pedagógico amplamente adotado pelos professores da Escola Normal Secundária Amaral Fontoura, primeira escola para formação de professores primários instalada no ano de 1956, em Maringá, PR. Trata-se do manual intitulado *Fundamentos da Educação...*, de autoria de Afro do Amaral Fontoura, que trazia em seu conteúdo determinada concepção de educação, a qual deveria nortear a formação docente e a formação dos alunos das escolas primárias. Os vários manuais produzidos por Fontoura tornaram-se subsidiários das leituras obrigatórias recomendadas para as alunas da referida escola, logo, exerceu notável influência pedagógica no ensino normal maringaense. Por meio da análise do manual em questão, busca-se entender o tipo de leitura disponibilizada para as normalistas à época, bem como o conteúdo desenvolvido pelos professores formadores de professores.

Palavras-chave

Manuais pedagógicos. Formação de professores. Amaral Fontoura.

Abstract

This study is focused on the analysis of a teaching manual widely used by teachers of the Normal Secondary School Amaral Fontoura, the first school for training primary school teachers in Maringá, PR. The manual is entitled the *Foundations of Education: a general introduction to the Renewed Education and Living School* written by Amaral Fontoura with a special conception of education, which should guide the teacher training and the training of primary school pupils. The various manuals written by this author became subsidiaries of required readings recommended for students of such school, therefore, influenced considerably the normal education in Maringá. Through the analysis of this teaching manual, we seek to understand the reading type available for Normal School students at that time as well as the content developed by teacher educators.

Key words

Teaching manuals. Teacher training. Amaral Fontoura.

1 Introdução

A produção deste artigo é originária do desdobramento de um estudo bibliográfico a respeito da institucionalização da Escola Normal no Brasil, no Estado do Paraná e no município de Maringá que realizamos durante a formação no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá (PPE/UEM). Tal modelo de escola tinha por objetivo, à época, a formação de professores para atuarem na escola primária, a qual, atualmente, corresponderia aos anos iniciais do Ensino Fundamental, em conformidade com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB nº 9394/96.

Em nosso primeiro estudo, do qual se desdobrou o presente texto, fomos, ao longo de nosso levantamento, constatando a ausência de discussões acerca da atuação do educador Afro do Amaral Fontoura no Brasil. De certo modo, isso nos causou estranheza visto que ele é autor de uma grande variedade de manuais pedagógicos, cujos conteúdos foram norteadores para os professores formadores de professores, para os alunos em formação nas escolas normais e para os professores em início de carreira.

De outro modo, conseguimos levantar, nas leituras realizadas, que os seus manuais pedagógicos exerceram grande, expressiva e extensiva influência na formação de professores. Particularmente, observamos que Amaral Fontoura influenciou a formação oferecida pela primeira escola normal do

recém-criado município de Maringá, no Estado do Paraná, nos anos de 1950. Sua influência foi tão marcante a ponto de a primeira escola receber o nome de Escola Normal Secundária Amaral Fontoura em 1955.

Diante das possibilidades de estudos sobre o autor e suas produções e, além disso, considerando que a história da formação de professores em Maringá necessita de investigações minuciosas e profundas sobre a atuação desse educador, é que apresentamos, neste artigo, um estudo em primeira aproximação do que Amaral Fontoura oferecia por meio de um de seus manuais pedagógicos. Tomamos, para tanto, o manual *Fundamentos da Educação: uma introdução geral à educação renovada e à escola viva*, o qual inicia a coleção *Escola Viva*. Visamos, por meio de tal manual, identificar as características da formação idealizadas pelo autor as quais também se encontram discutidas nos demais manuais.

Buscamos, desse modo, entender a concepção de homem em perspectiva na década de 50 do século XX, momento em que ocorria um acentuado processo de urbanização, ou seja, criação de novos municípios, na região noroeste do Estado do Paraná. Além disso, assinalamos que o manual pedagógico analisado trazia uma dada concepção de formação – do professor e do aluno.

Com o fito de situar os leitores na organização do texto, apresentamos a criação da escola normal no município de Maringá, seguida de uma breve

abordagem a respeito de manuais pedagógicos, na sequência mostramos a produção de Amaral Fontoura e, finalmente, analisamos o manual intitulado Fundamentos da Educação.

2 Criação da Escola Normal Secundária no município de Maringá, PR

A Escola Normal Secundária do município de Maringá foi criada pela Lei Estadual nº 2532, de 13 de dezembro de 1955, mas seu funcionamento ocorreu somente em 9 de março de 1956, sob a denominação inicial de Escola Normal Secundária de Maringá. Em 1958, foi renomeada como *Escola Normal Secundária Amaral Fontoura*, por meio do Decreto nº 17.763 (SCHAFFRATH, 2003).

Situamos a instalação dessa escola no interior do processo de constituição do município de Maringá, instalação que veio atender às exigências locais referentes à formação de professores. A implantação de uma escola específica para formação docente era uma necessidade do município, já que o crescimento do número de escolas, sobretudo a partir de 1952, em razão de Maringá passar à condição de município, requisitava professores habilitados. As dificuldades para contratação de docentes manifestou-se, desde cedo, como problema central para a estruturação da rede de ensino público em Maringá.

As primeiras iniciativas para implantação do curso de formação de professores no município datam da primeira metade da década de 50. Tais iniciativas

inseriram-se em um quadro sociopolítico e educacional de expansão da Escola Normal, tanto em nível estadual quanto nacional, a qual figurou no primeiro espaço destinado à formação sistematizada de professores para a atuação no ensino primário.

A criação dessa escola em Maringá foi muito importante para o sistema educacional do município e esteve incrustada no desenvolvimento econômico, político e social da cidade. É importante assinalar que Maringá foi projetada pela Companhia Melhoramentos Norte do Paraná para se tornar, mais tarde, um grande polo econômico, ou seja, foi planejada para assumir a liderança de uma extensa área agrícola, correspondente aos municípios circunvizinhos (LUZ, 1997).

Concomitantemente ao desenvolvimento do município e crescimento da população, esteve associada a necessidade de aumentar o número de escolas primárias, e isso requisitava, por seu turno, a ampliação do número de professores habilitados para nelas lecionar com o objetivo de formar o homem tido como ideal naquele momento histórico, entendido como o indivíduo comprometido com o *progresso* da sociedade brasileira.

Em virtude das mudanças pelas quais passava Maringá, quais sejam, crescimento urbano e rápido desenvolvimento, a educação transformava-se em um instrumento indispensável à resolução de problemas da realidade local, que se definia, por exemplo, pela

necessidade de desenvolvimento de um adequado comportamento por parte do indivíduo para convívio em sociedade, bem como uma rigorosa disciplina para o trabalho.

Podemos afirmar que, em um modo de vida que se configurava em torno da urbanização, a educação formal representava uma exigência cada vez maior. Este era o caso de Maringá na época. A educação, por intermédio da escola, em tal contexto, certamente teve um papel a cumprir no projeto de desenvolvimento do município.

Acreditamos, tal como Correia e Silva (2003), que a estruturação dos sistemas escolares até os anos 60 do século XX, e Maringá não foi exceção, bem como a formação de professores e os manuais pedagógicos que dessa formação participaram, esteve relacionada com uma série de fatores, dentre os quais, o desenvolvimento do mercado interno, da urbanização e da industrialização.

Nesse contexto, tanto os professores quanto os escritos que lançavam mão para leitura de seus alunos deveriam estar sintonizados com a formação requisitada à época. Os manuais pedagógicos são apontados por nós, neste trabalho, como um meio para formá-los nos moldes mais adequados à ideologia do desenvolvimento adotada.

Antes de iniciarmos a apresentação do que seja manual pedagógico, destacamos, com base em Correia e Silva (2003, p. 1-2, grifo do autor), os quais se apoiam em Roger Chartier, que os

manuais pedagógicos “correspondem a uma das instâncias pelas quais se procura exercer, de algum modo e à distância, a autoridade de instruir e controlar o trabalho pedagógico, pois produzem e fazem circular um modelo *ideal* de professor no campo educacional”.

3 Sobre os manuais pedagógicos

Os manuais pedagógicos foram livros escritos para os cursos de formação de professores. De acordo com Silva (2003a, p. 30, grifo do autor), esses livros abordam temas previstos para o “[...] ensino de disciplinas profissionalizantes dos currículos de instituições de formação docente, no caso, aquelas diretamente relacionadas com questões educacionais, a saber, a pedagogia, a didática, a metodologia e a prática de ensino”. Cada manual, ainda segundo a autora, “[...] ao reunir e sistematizar conteúdos tipicamente escolares, propõe-se a tratar de maneira sucinta e acessível o que há de ‘essencial’ em termos de educação, favorecendo assim um primeiro contato do leitor com essas questões”.

A autora assinala também que, nos manuais pedagógicos, faz-se presente o seguinte mecanismo: “[...] selecionando o que há de ‘essencial’ para a profissão docente, eles *exercem a autoridade de ensinar o que se tem por mais legítimo na área, fundamentando as práticas ‘ideais’* para o professorado” (SILVA, 2003a, p. 46, grifo nosso).

Esses manuais, produzidos para uso de professores e alunos, têm por

objetivo “[...] influenciar a prática pedagógica por meio da formação escolar e incorporam as discussões conceituais do período de sua produção a fim de se legitimar no campo pedagógico” (VALDEMARIN; CAMPOS, 2007, p. 344).

Em correspondência com os planos de estudos oficialmente prescritos para o ensino nas escolas normais e elaborados a partir das determinações oficiais, esses manuais apresentam a síntese de uma ampla literatura, escrita por diversos nomes e relacionada aos diferentes campos do saber, tais como a psicologia, a biologia, a sociologia, entre outros. Ainda que não estejam isentos de simplificações e esquematismos, respaldam-se em argumentos tal como a necessidade de proporcionar aos professores em formação e novos professores um guia de consulta rápida (CORREIA; SILVA, 2003).

Nesse sentido, observamos que os autores de manuais “[...] demonstram familiaridade e domínio da literatura pedagógica sendo capazes de nela discriminar os aspectos que podem ser transformados em orientações para a prática, além de conhecerem a legislação educacional e buscarem alternativas para introdução de inovações” (VALDEMARIN; CAMPOS, 2007, p. 344).

Correia e Silva (2003, p. 1, grifo dos autores) observam que os manuais foram impressos em grande número e fizeram parte do conjunto de textos básicos nos cursos de formação docente, constituídos “[...] a partir da explicação que os seus autores fizeram de algumas

idéias, criando uma categoria específica de formulações sobre modos ‘ideais’ de se organizar a aula”. Em geral, afirmam Valdemarin e Campos (2007, p. 344), “[...] os autores desse tipo de impresso amparam-se em sua própria experiência de magistério e na ocupação de cargos na hierarquia escolar”.

Os manuais pedagógicos, de certo modo, exerceram grandes influências nas formas de compreender e intervir no espaço escolar, portanto, no modo de formação de professores. Para Silva (2003a, p. 36) os manuais pedagógicos integram as “[...] leituras promovidas pela escola, pois são escritos que ordenam o conjunto de saberes a serem transmitidos aos normalistas, além de definirem com isso determinados modos de transmissão e apreensão desses conhecimentos”. Também têm a função tanto de formar os estudantes, quanto de “[...] subsidiar a constituição da identidade de profissionais – professores primários – que devem atuar na formação de outros alunos”. Esses elementos contidos nos manuais lhes conferem um lugar muito especial no processo de formação do professor e do aluno.

Mediante o estabelecimento dessa relação entre escola e sociedade, formação de professores e manuais pedagógicos, tomamos, a seguir, um manual de leitura utilizado na formação de professores da Escola Normal Secundária Amaral Fontoura, do município de Maringá. Tomamo-lo a fim de identificar a concepção de escola e de aluno, bem como o papel do professor nele contido.

E por que sentimos a necessidade desse entendimento? Porque a formação de professores primários no município de Maringá teve forte influência dos manuais de autoria de Afro do Amaral Fontoura. Tal qual Silva (2003a), acreditamos que identificar características de manuais pedagógicos constitui-se em um esforço que pode colaborar para a história da formação de professores e, também, conhecer os esforços de uma época para responder às necessidades de seu tempo e contexto.

4 Afro do Amaral Fontoura e a Coleção Escola Viva

Afro do Amaral Fontoura, educador, sociólogo, psicólogo, técnico de educação, delegado do governo junto a várias escolas normais, professor de diferentes faculdades, dentre elas a Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, atuou intensamente na produção de manuais pedagógicos para professores entre os anos de 1940 e 1970. Este é, sem dúvida, o maior destaque do autor.

Essa grande produção de manuais pedagógicos, não só por Amaral Fontoura, foi favorecida por uma mudança no Brasil. Correia e Silva (2003, p. 6) explicam que, ao invés da adoção de manuais estrangeiros, como ocorrera por décadas no Brasil, nesse período, em especial, “nos anos 50 e também durante a década de 60 até 1971, os textos mais referidos são manuais brasileiros

[...]”. Dentre os autores nacionais, cujos manuais tiveram notável circulação, temos, portanto, Afro do Amaral Fontoura.

São vários os títulos por ele publicados e reeditados nesse período. Nas páginas iniciais de seu livro *Fundamentos da Educação: uma introdução à educação renovada e à escola viva*, obra que tomamos mais adiante para estudo, é apresentada ao leitor uma extensa lista de títulos de sua autoria que nos permitem dimensionar a sua intensa produção.

Sintonizado com o espírito renovador, objetivo e prático que uma determinada corrente educacional intencionava imprimir ao ensino normal à época, Amaral Fontoura ficou responsável pela direção da Biblioteca Didática Brasileira, cujos títulos por ela publicados foram organizados por séries, da seguinte forma:

- Série I - Coleção *Escola Viva*;
- Série II - *Legislação Brasileira de Educação*;
- Série III - composta de livros textos para crianças;
- Série IV - Coleção sobre *Moral e Cívica*.

Apresentamos, no quadro I os manuais pedagógicos que constituíram a Série I, denominada *Escola Viva*, da qual faz parte o manual que escolhemos para análise:

Título	Volume	Edição
Fundamentos de Educação: uma introdução à Educação Renovada e a Escola Viva	1	1. ed. – 1949 10. ed. – 1972
Sociologia Educacional	2	1. ed. – 1951 20. ed. – 1969
Metodologia do Ensino Primário	3	1. ed. – 1955 17. ed. – 1968
Psicologia Geral	4	1. ed. – 1957 19. ed. – 1969
Psicologia Educacional (Psicologia da criança, Psicologia da aprendizagem e Psicologia diferencial)	5	1. ed. – 1958 4. ed. – 1961
Psicologia Educacional: 1ª parte – Psicologia da criança		5. ed. – 1963 18. ed. – 1969
Psicologia Educacional: 2ª Parte – Psicologia da aprendizagem 3ª Parte – Psicologia Diferencial	6	5. ed. – 1964 14. ed. – 1969
Prática de ensino	7	1. ed. – 1960 9. ed. – 1969
O planejamento do ensino primário	8	1. ed. – 1958 4. ed. – 1966
Didática geral	9	1. ed. – 1961 17. ed. – 1971
Manual de testes	10	1. ed. – 1960 3. ed. – 1966
Didática especial da 1ª série	11	1. ed. – 1958 4. ed. – 1966
Educação Cívica e Calendário Cívico Brasileiro	12	1. ed. – 1967 2. ed. – 1970
Calendário Cívico Brasileiro	13	1. ed. – 1967 2. ed. – 1970
Filosofia da educação	14	1. ed. – 1969 3. ed. – 1970
Instituições escolares	15	1. ed. – 1969
Organização Social e Política Brasileira	16	[1972?]

Quadro 1 – Relação das obras da Série Escola Viva, de Afro do Amaral Fontoura.

Fonte: Livro Psicologia Educacional – 1ª parte (FONTOURA, 1970).

A coleção *Escola Viva* foi proposta ao autor pela Editora Aurora, localizada no Rio de Janeiro, com o intuito de preencher uma lacuna existente no Brasil: ausência de obras articuladas entre si dirigidas aos estudantes das Escolas Normais.

O público-alvo dos livros de Amaral Fontoura, como o próprio autor reconhece, eram alunos dos Institutos de Educação e Faculdades de Filosofia, alunos de escolas normais, além de professores que, naquele momento, ainda não tiveram tempo de ler os grandes

mestres e autores de numerosas obras clássicas sobre a Educação Renovada como, por exemplo, aquelas escritas por Édouard Claparède (1873-1940), John Dewey (1859-1952), Ovide Decroly (1871-1932), Manuel Bergström Lourenço Filho (1897-1970), Anísio Spínola Teixeira (1900-1971), Everardo Adolpho Backheuser (1879-1951). Para o autor em estudo, eram os professores novos e regentes escolares quem mais precisavam da orientação prática imprimida em seus trabalhos.

Amaral Fontoura anuncia que os seus livros pretendem condensar em poucas páginas os ensinamentos dos grandes mestres, que se encontravam espalhados em meia centena de livros. Nos manuais, o pensamento desses grandes mestres deveria ser exposto de forma acessível e devidamente sistematizada. Tal preocupação em sintetizar e difundir ideias de vários autores clássicos consistia, segundo Correia e Silva (2003), no motivo principal de justificação dessas publicações.

De acordo com Amaral Fontoura, os livros da coleção intitulada *Escola Viva*, ensinavam tanto o que se deveria fazer quanto tratava de como se deveria fazer, e tudo isso, de forma equilibrada, ou seja, distanciando-se do velho modelo de escola – escola tradicional – e também dos exageros da escola nova. Para se alcançar esse equilíbrio, é que defende a chamada educação renovada.

Educação renovada e escola viva estão relacionadas, visto que escola viva é o meio de se realizar a educação

renovada. Segundo Amaral Fontoura, a escola viva reúne os princípios e objetivos da educação; além disso, abarca o método de trabalho do professor, sua função, o papel do aluno, bem como toda a organização escolar. A escola viva é proposta, desse modo, como uma nova postura do professor frente ao ensino tradicional.

A educação renovada caracterizou-se como uma vertente da Educação Nova. Diferentemente de outras correntes escolanovistas, que defendiam uma escola laica, a educação renovada, seguida por Amaral Fontoura, defendia uma educação também voltada para a esfera espiritual, para os preceitos cristãos.

Em toda a coleção *Escola Viva*, é possível observar grande preocupação com a educação espiritual, já que são frequentes as citações do Papa Pio XI e outros educadores católicos, tal como Dom Bosco, Backheuser.

A expressão *Escola Viva* não era somente título da coleção de livros de Amaral Fontoura. Segundo Hegeto (2007, p. 76), essa denominação foi criada pelo autor

[...] para designar exatamente o tipo de educação e de escola que desejava. Apesar de resguardar fortemente os princípios escolanovistas da necessidade de formar o aluno enquanto um ser ativo e atuante na sociedade e ter como referências de seus livros autores como: Dewey, Maritain, Spalding, Anísio Teixeira,

Decroly, Backheuser, Claparède, Ferrière, Lourenço Filho, Pio XI, Dom Bosco, Pestalozzi, Montessori, Froebel, entre outros, fazia a crítica à escola nova [...].

E qual era essa crítica? Vejamos como Fontoura (1972, p. 22-23, grifos do autor) refere-se à escola nova:

A expressão 'Escola Nova' assumiu um sentido exagerado, que não aceitamos. Como toda idéia nova, a 'Escola Nova' se extremou demais. Alguns pedagogos 'escolanovistas' propõem a escola em que o aluno tem a absoluta liberdade de fazer o que entende... [...].

Nós, que somos favoráveis à Escola Nova, repelimos todas essas distorções.

Por outro lado, a Escola Nova amiudadas vezes se deixou impregnar de ideologias políticas, socialistas, marxistas, comunistas, que também rejeitamos, como cristãos e católicos que somos.

Nossa posição filosófico-política é a do grande Papa João XXIII, é a das revolucionárias Encíclicas '*Mater et Magistra*' e '*Pacem in Terris*'. É a posição de um JACQUES MARITAIN, dos dominicanos LEBRET, DESMAIRAIS ou VAN GESTEL, os jesuítas RIQUET ou JEAN VILLAIN, de um JACQUES PERRIN.

Fontoura (1972) é sumariamente adverso ao sentido assumido por grande

parte dos educadores escolanovistas, ao entender que isso acabou por distorcer a teoria, levando a extremismos de liberdade, a ponto de deixar sob a responsabilidade do aluno toda atividade escolar. Sua postura é a de um cristão católico. Seus livros expressam a vertente religiosa conservadora católica de influência francesa, cujos autores, conforme Meucci (2001, p. 126), "[...] fundamentaram os argumentos de nossos intelectuais cristãos ligados ao movimento de reação Católica [...]".

Correia e Silva (2003, p. 4) explicitam que, nos anos de 1930, a vertente católica, constituída por integrantes católicos

[...] do laicato intelectual articulados a associações religiosas, começa a organizar-se em oposição aos chamados 'pioneiros', entre os quais estão os responsáveis pelo *Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova* (1932) e dirigentes da A.B.E. actuates no governo junto a reformas educacionais.

Os grupos expressavam, naquele momento, segundo estudos de Correia e Silva (2003, p. 4), as disputas "[...] pelo controle ideológico e técnico da escola, estimulado com a criação do Ministério da Educação e Saúde (1930), ou seja, um esforço significativo na estruturação do sistema educacional brasileiro".

Nesse contexto, segundo os estudos realizados por Correia e Silva (2003, p. 4, grifo nosso), "os representantes da Igreja procuravam influenciar as

decisões governamentais e, por meio do impresso, orientar os professores quanto à *melhor* maneira de conceber a prática docente”. Esses representantes, “[...] incorporaram no seu discurso várias proposições do escolanovismo, mas, como ficou evidente no livro escrito por Backheuser, a *leitura* realizada sobre os *principais expoentes do movimento*, entre os quais estava John Dewey, foi *feita a partir dos postulados do cristianismo*”.

É exatamente o que realiza Amaral Fontoura ao produzir inúmeros manuais pedagógicos, os quais contaram com várias edições, e, também, ao defender uma pedagogia católica distante dos exageros do escolanovismo.

Silva (2003b) assinala que as diferenças entre católicos e pioneiros inspiraram proposições em torno da apropriação dos postulados da Escola Nova. Cada um dos grupos atuou junto ao mercado editorial para a difusão de sua compreensão acerca das teorias e preceitos considerados como ideais.

Outra questão importante é que os livros de autoria de Amaral Fontoura podem ser inseridos em um período já de tecnicização do ensino, uma vez que tal tendência manifestou-se entre os anos de 1940 e 1970, de acordo com estudos realizados por Silva (2006) sobre manuais pedagógicos em Portugal e no Brasil, no período de 1870 a 1970.

Silva (2003a, p. 45) assinala que “entre 1960 e 1971, o chamado ‘tecnicismo’ tem uma posição nuclear no discurso educacional, até mesmo nos manuais pedagógicos. Trata-se de uma

‘renovação radical e capilar da pedagogia’, atenta sobretudo às questões de instrução [...]”. Esclarece-nos, ainda, que, “no caso brasileiro, essa tendência está relacionada com a política desenvolvimentista do Regime Militar [...]”.

Ao discutir os temas privilegiados nos manuais, essa autora observa que, em um primeiro momento, compreendido entre os anos de 1930 a 1946, o foco volta-se para a explicitação dos princípios da Escola Nova. Constata, no entanto, que, “a partir de finais dos anos de 1940, diferentemente, as questões metodológicas começam a receber um espaço notável, estando presente nos nomes das obras e constituindo-se como objeto de interesse [...]” (SILVA, 2003a, p. 46).

Essa tendência fica mais acentuada nos anos de 1960 e 1970, já que descrições sistemáticas no que toca às técnicas pedagógicas passam a ser feitas. Silva (2003a, p. 46) descreve essas mudanças da seguinte maneira:

- 1930 a 1946: o entusiasmo pelo movimento escolanovista;
- 1947 a 1959: a proposição de metodologias de ensino;
- 1960 a 1971: apresentação de tecnologias a serviço da eficiência das atividades pedagógicas.

Amplamente divulgados entre as alunas da Escola Normal Secundária Amaral Fontoura, posto que utilizados pelos professores no curso de formação para docência, os manuais escritos por Afro do Amaral Fontoura continham determinadas referências e maneiras de pensar e agir no magistério.

Buscamos, a seguir, identificar e analisar alguns aspectos dessas orientações contidas no manual de *Fundamentos da Educação: uma introdução geral à Educação Renovada e à Escola Viva*.

5 Manual Pedagógico: Fundamentos da Educação

Em *Fundamentos da Educação*, volume 1 da coleção *Escola Viva*, cuja primeira edição data de 1949, Fontoura (1972) busca, já no primeiro capítulo, evidenciar alguns conceitos de educação, articulando-os tanto aos ideais da educação nova quanto ao da educação renovada.

Para o autor, o ato de educar significa extrair do indivíduo, “tirar para fora”, “elear”, “conduzir”, as capacidades e qualidades que este possui em seu interior, mas que não se encontram desenvolvidas.

Fundamentado em Dupanloup, educador católico, e Backheuser, líder da educação cristã no Brasil, Fontoura (1972) destaca que a educação deve ter como objetivo a formação de todas as faculdades humanas, dando-se especial atenção à dimensão sentimental e social do indivíduo. Em relação aos fins da educação, defende que eles devem promover o progresso pessoal e espiritual dos homens. Para tanto, faz-se necessário o desenvolvimento total de suas capacidades, isto é, formar o indivíduo culto, social, educado e religioso, características fundamentais para o progresso da nação.

A função maior da escola, em sua concepção, é a de moldar o caráter do educando, a fim de torná-lo bom, inteligente e sociável. Em relação ao homem sociável, o autor defende que a educação, além de ter como objetivo a formação, constitui-se também como mecanismo de adaptação do indivíduo ao meio.

O autor concebe a educação como meio para a socialização do indivíduo, como contribuição para a formação da identidade nacional, portanto, deve ser integral. E o que isso significa? Significa que a educação deve formar um homem completo, desenvolvido em seu intelecto, em seu estado físico, moral, social, político, artístico e religioso.

Apoiado em Lourenço Filho e Émile Durkheim (1858-1917), Amaral Fontoura expressa a ideia de escola como um local propício à aprendizagem das regras sociais. Toma como base a encíclica sobre educação, escrita por Pio XI, para comprovar o caráter social da educação. Nessa carta, segundo o autor, o Papa esclarece que “a educação é obra social, e não singular” (FONTOURA, 1972, p. 41).

Ao conceber a educação como um processo abrangente e contínuo, que se inicia com o nascimento do homem e se encerra apenas com sua morte, a instrução, via escola, é apenas um dos aspectos da educação. Desse modo de pensar, origina-se a crítica de Amaral Fontoura à escola.

Para ele, tal instituição, ao funcionar apenas como um local de transmissão

de conteúdos e matérias, distancia-se de sua real função que consiste na formação da personalidade do educando.

Para se alcançar essa formação, é atribuída grande relevância à educação moral do aluno, sendo que o professor deve se concentrar no desenvolvimento de um bom comportamento e boa maneira de agir do indivíduo em sociedade.

Para o autor, o conhecimento escolar não é a questão fundamental para o aluno. Mas, por que faz esse tipo de afirmação? Porque para Fontoura (1972, p. 42-43)

[...] mais importante do que aquilo que o aluno 'aprende' na escola é 'o que ele faz' fora da escola. Os homens não valem tanto pelo que eles sabem quanto pela maneira como agem. De pouco adianta a soma de 'conhecimentos' que o indivíduo ganha na escola se, com isso, não se torna um homem melhor para si mesmo e para a sociedade.

A concepção de educação como transmissão da cultura não deixa de ser contemplada por Amaral Fontoura, mas é seguida da advertência de que essa transmissão da cultura não se desenvolva de forma passiva. Para o autor, o professor não aplica os conhecimentos na cabeça do aluno. Tal processo exige grande esforço do educando, o qual reconstrói, por meio de sua própria experiência, a cultura produzida pela humanidade.

O autor defende que as disciplinas escolares devem estar voltadas,

sobretudo, para a formação do caráter e formação para a vida, ao invés de estarem voltadas para os conteúdos científicos. Destacamos que o ensino de disciplinas escolares, tais como Educação Física, Educação Moral (Católica), Educação Cívica, está em conformidade com os interesses econômicos e políticos da época, expressos na valorização do nacionalismo, na formação da consciência patriótica.

Fundamentado em pensadores da Educação Nova e sob forte influência da religião católica, Fontoura (1972) apresenta sua própria definição de educação. Tal conceito pode ser considerado uma síntese do pensamento escolanovista e da educação religiosa, cuja elaboração teve o intuito de facilitar o entendimento dos estudantes da Escola Normal. Para ele, portanto, educação é *o desenvolvimento harmônico de todas as capacidades do indivíduo* e possui duplo objetivo: 1) permitir o pleno desenvolvimento da personalidade humana; 2) colaborar para a organização de uma vida melhor em sociedade.

A educação, assim concebida, permeia toda a existência humana; vida e educação não são fenômenos separados. Em poucas palavras, entende que o educando vive aprendendo e aprende vivendo. A escola, por essa ótica, deve assumir o compromisso de reproduzir a vida, com o fito de melhorá-la.

Em *Fundamentos da Educação* fica evidenciado que, diferentemente da educação nova, a educação renovada não ignorava todos os aspectos da

educação tradicional. Seu autor acreditava em um meio termo entre ambas, defendia uma teoria intermediária entre a escola tradicional e nova, a fim de chegar ao equilíbrio entre as duas. Nas palavras de Fontoura (1972, p. 48-49, grifo do autor),

havia necessidade, assim, de um meio termo: nem tanta rigidez, nem tanta liberdade... Esse meio termo é o que o autor deste livro costuma chamar de *Educação Renovada*. Usamos sempre essa expressão para designar o tipo de educação que combina, num justo equilíbrio, o que há de bom na escola nova com o que existia de aproveitável na escola antiga.

Essa atitude conciliadora é, aliás, o ponto de vista dos modernos educadores católicos: baseia-se no princípio '*non novum sed nove*' (não cousas novas, mas de maneira nova).

Um exemplo desse equilíbrio entre escola nova e escola antiga é constatado em relação à disciplina escolar.

Para Fontoura (1972, p. 118), era preciso superar o conceito antigo de disciplina, entendida como “[...] conjunto de regras estabelecidas para o bom funcionamento da escola. [...] algo que se opunha ao conceito de ‘personalidade’ do aluno [...]”, e, também, o conceito errôneo herdado da Escola Nova, no qual “substituiu-se o excesso de ordem pelo excesso de liberdade”. Fundamentado

nessa base, defende em sua obra que

devem coexistir na escola a disciplina e a liberdade [...]. A disciplina escolar não deve ser um conjunto de regras *negativas*: ‘é proibido fazer isto’, ‘é proibido fazer aquilo’. Ao contrário, a disciplina deve ser *funcional*, dinâmica, isto é, derivar espontaneamente da atividade escolar, do bom funcionamento da escola (FONTOURA, 1972, p. 119, grifo do autor).

Por acreditar nisso, o autor condena a disciplina sustentada na violência, porque não está de acordo com os princípios sobre os quais repousa a educação renovada.

Fontoura (1972) destaca seis princípios norteadores dessa concepção de educação. No *primeiro princípio*, exprime a finalidade da escola, a qual deve existir para melhorar o homem, tanto no que se refere a sua vida particular, quanto à vida em comunidade. Para atingir esse objetivo, a escola deve conectar-se com o mundo, daí a importância dos recursos audiovisuais que contribuem para a aproximação dos homens, bem como para a disseminação de uma nova forma de pensar.

Observamos que, no *segundo princípio*, o autor evidencia a necessidade de uma educação integral. Atrelado a esse princípio é que funda a ideia de que a educação deve abarcar uma formação completa. Uma vez mais mostra sua preocupação com o desenvolvimento integral do indivíduo.

Já no *terceiro princípio*, Fontoura (1972) enfatiza que a escola deve reproduzir a sociedade, portanto, preocupa-se com o caráter social da educação. Destaca que a organização da escola deve espelhar-se na organização da comunidade. Os assuntos que lhe interessam devem ser discutidos com prioridade e até mesmo a forma de produção da vida existente na comunidade deve ser reproduzida na escola. Considera que o trabalho em equipe é importante dentro da educação renovada, uma vez que apresenta muitas vantagens e supera em muito o trabalho individual. Dentre as vantagens, destaca o desenvolvimento do entusiasmo escolar, o qual favorece desde os alunos mais ágeis até os mais desprovidos e preguiçosos.

O *quarto princípio* aparece relacionado ao terceiro. Nele se encontra realçada a importância da participação do aluno em sua educação e na vida da escola. Ao conceber a escola como uma sociedade em miniatura, os alunos devem dela participar ativamente, assim como fazem os indivíduos em comunidade.

No que diz respeito ao *quinto princípio*, este enfatiza o aspecto afetivo e espiritual da educação renovada. De acordo com Fontoura (1972), é preciso que a escola deixe de ser um local frio e sem amor, para se tornar um local de formação. Para isso, a escola precisa ser um ambiente fraterno e ter presente o amor a Deus e ao próximo.

Finalmente, no *sexto princípio*, anuncia a substituição da força pelo

sentimento. Destaca que o aluno precisa sentir prazer em ir à escola e deve considerá-la como um ambiente atraente, uma espécie de segunda casa. Nessa perspectiva, a relação professor-aluno deve ser construída sob laços de compreensão e amor. As atitudes de camaradagem entre os alunos, de compreensão e afeto entre professores e alunos, bem como entre os alunos, são valorizadas.

Acredita que o professor deve se preocupar com a educação do aluno dentro e fora da instituição escolar, mantendo diálogo e orientando seu aluno nas melhores escolhas.

Fontoura (1972), no manual em questão, trata de mostrar as qualidades da escola viva e de justificar por que não utilizou a expressão escola ativa, já conhecida. Salienta que a expressão escola viva define melhor a escola que almeja, a qual deve ser cheia de vida, tanto em relação ao aspecto arquitetônico do prédio escolar, material e método de ensino, quanto em relação ao professor, que precisa ser dinâmico e ativo.

Se para a educação tradicional o mais importante era o programa e aquilo que fugisse dele não tinha qualquer relevância no ambiente escolar, em sua concepção de escola viva o mais importante é, sem dúvida, o aluno. Fontoura (1972), parafraseando Copérnico, afirma que antes o programa era o centro do processo ensino-aprendizagem, girando em sua volta o professor, o método, o material e o aluno. Na sua escola viva, em contrapartida, o centro do processo é o educando, em torno do qual giram

todos os outros aspectos, quais sejam, o programa, o professor, o método e o material didático.

Acerca do professor e sua função para a educação renovada, o autor deixa claro que o professor nada ensina, somente orienta e facilita a aprendizagem. Para isso, é preciso que ele seja eficiente, motivador e dinâmico, entre outras qualidades, não bastando dominar o conteúdo. O professor, em sua visão, deve também organizar discussões, conduzir diálogos e saber utilizar os recursos tecnológicos.

Dentre os atributos que o professor deve possuir, está, em primeiro lugar, a vocação, a qual se relaciona ao seu temperamento psíquico. Para ser professor, o indivíduo precisa querer ser, possuir desejo e amor pela profissão. Além disso, precisa amar o próximo, possuir tato pedagógico, compreender o educando, possuir capacidade de formar personalidades e educar com amor. Tais qualidades constituem o educador perfeito, ideal, pronto a não somente educar, mas a elevar a nação brasileira.

Essas são algumas das questões abordadas por Fontoura (1972) em seu manual *Fundamentos da Educação*, o qual serviu de leitura para muitas normalistas e professores em início de carreira no município de Maringá.

Mediante a exposição e análise desse manual, é possível assinalar que, em suas páginas, está contida uma determinada orientação educacional, cujo manancial é a pedagogia católica. Esta apregoa uma renovação da escola, visa a

uma formação centrada na constituição integral do indivíduo, de cunho predominantemente moral, apoiada em uma filosofia cristã, a qual dista de outras correntes da educação nova como, por exemplo, aquela vertente liderada pelos chamados pioneiros. Mesmo que, em seu discurso, existam proposições escolanovistas, Amaral Fontoura defende com toda clareza uma educação segundo princípios católicos.

Tal como analisa Hegeto (2007, p. 77), a formação propositada pelo autor consistia, “[...] sobretudo, na técnica de transmitir a matéria e de despertar o interesse do aluno na formação de preceitos vinculados à moral católica e patriótica, isenta de qualquer princípio ideológico de questionamento do Estado e da sociedade capitalista”.

Tal formação estava em conformidade com projeto de sociedade programado na época de criação e consolidação do município de Maringá, como também da Escola Normal Secundária Amaral Fontoura. Corrobora ainda a esse respeito, o que nos revela o estudo de Hegeto (2007, p. 82) sobre a grande participação do curso normal em campanhas da fraternidade promovidas pela prefeitura de Maringá, as quais visavam “[...] ao ‘bem comum’ e ao ‘progresso do país’ e do município, ideário defendido na época, principalmente por religiosos e políticos”. Para a autora, fica evidenciado que “[...] a força da moral e religião nas décadas de 1950, 1960 e 1970 acabou decidindo sobre a formação de toda uma geração”.

Amaral Fontoura, por meio de seus vários manuais pedagógicos, dentre eles o de *Fundamentos da Educação*, cuja leitura foi altamente recomendada para as alunas da Escola Normal Secundária Amaral Fontoura, certamente contribuiu nessa tarefa de formação de professores e de alunos.

6 Considerações finais

Dentre as várias questões abordadas, reafirmamos que a leitura de manuais pedagógicos foi uma prática corrente nos cursos de formação de professores para atuação no antigo ensino primário, oferecidos pelas escolas normais. A Escola Normal Secundária Amaral Fontoura não se constituiu uma exceção.

O manual *Fundamentos da Educação*, de Fontoura (1972), tal como outros manuais pedagógicos, traz sistematizado referências nucleares relacionadas ao ofício do professor. A leitura desse manual, assim como de outros, é por

nós entendida como um instrumento educativo de grande importância, já que pela leitura realizada, modos de pensar e de agir na escola bem como saberes foram transmitidos.

Os manuais pedagógicos destinados à leitura de professores em formação, certamente ocuparam uma posição estratégica na divulgação de concepções de formação humana, daí sua relevância e, também, a importância de estudos voltados ao tema.

No que toca ao autor em pauta, assinalamos que a influência de Amaral Fontoura, empenhado representante da vertente religiosa da Escola Nova, na formação de professores nas décadas de 50, 60 e 70, do século XX, em Maringá, foi notável. Em virtude de sua marcante atuação, consideramos que estudos mais detidos sobre o autor e sua obra precisam ser realizados, uma vez que é parte da história da formação de professores no Brasil.

Referências

CORREIA, António Carlos da Luz; SILVA, Vivian Batista da. Uma história de leituras para professores: manuais pedagógicos, formação docente e construção de identidades profissionais em Portugal e no Brasil (1930-1970). In: CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL – COLE, 14., 2003, Campinas, SP. *Anais...* Campinas: COLE/UNICAMP, 2003.

FONTOURA, Afro do Amaral. *Fundamentos da Educação: uma introdução geral à Educação Renovada e à Escola Viva*. 10. ed. Rio de Janeiro, RJ: Aurora, 1972.

_____. *Psicologia Educacional: psicologia da criança*. 19. ed. Rio de Janeiro, RJ: Aurora, 1970.

HEGETO, Leia de Cássia Fernandes. *História da formação de professores em Maringá: a escola normal secundária entre as décadas de 1950 e 1970*. 2007. 183 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, PR.

LUZ, France. *O fenômeno urbano numa zona pioneira*: Maringá. Maringá: Prefeitura Municipal de Maringá, 1997.

MEUCCI, Simone. Os primeiros manuais didáticos de sociologia no Brasil. *Estudos de Sociologia*, Araraquara, v. 6, n. 10, p. 121-158, 2001. Disponível em: <http://www.fclar.unesp.br/soc/revista/artigos_pdf_res/10/07-meucci.pdf>. Acesso em: 29 maio 2011.

SCHAFFRATH, Marlete dos Anjos Silva. *A gênese do ensino normal em Maringá*: estrutura e determinações. 2003. Relatório Final de Pesquisa. Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2003.

SILVA, Vivian Batista da. Os manuais pedagógicos em Portugal e no Brasil, de 1870 a 1970: um estudo sobre a constituição do ensino como objeto de ensino. *Revista de Educação Pública*, Cuiabá, v. 15, n. 29, p. 137-150, set./dez. 2006.

_____. Uma história das leituras para professores: análise da produção e circulação de saberes especializados nos manuais pedagógicos (1930-1971). *Revista Brasileira de História da Educação*, Campinas, SP, n. 6, p. 29-57, jul./dez. 2003a.

_____. Leituras para professores: apropriação e construção de saberes nos manuais pedagógicos brasileiros escritos pelos “católicos” (1870-1971). *Cadernos de História da Educação*, Uberlândia, v. 2, p. 51-58, jan./dez. 2003b.

VALDEMARIN, Vera Teresa; CAMPOS, Daniela Gonçalves dos Santos. Concepções pedagógicas e método de ensino: o manual didático processologia na escola primária. *Paidéia: Cadernos de Psicologia e Educação*, Ribeirão Preto, v. 17, n. 38, p. 343-356, set./dez. 2007.

Recebido em abril de 2015

Aprovado para publicação em maio de 2015